



ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU

ANALYSIS OF PREJUDICES REGARDING BABASSU COCONUT BREAKERS

ANÁLISIS DE PREJUICIOS RESPECTO A LOS ROMPE-COCOS BABASSÚ

Alejandro Ribeiro Ferreira¹

e747640

<https://doi.org/10.47820/recima21.v7i4.7640>

PUBLICADO: 04/2026

RESUMO

O tema desta pesquisa é sobre os preconceitos. O recorte temático contorna os preconceitos referentes às quebradeiras de coco. O objetivo geral desse estudo é compreender os preconceitos relacionados a essas mulheres, buscando entender a sua formação. Para alcançar essa meta, este artigo utilizou-se de três objetivos específicos: 01) investigar a formação do preconceito; 02) identificar os preconceitos relacionados a essas mulheres; 03) analisar os preconceitos identificados. Este estudo caracteriza-se como não experimental, cujo objetivo é exploratório, mas com traços de uma pesquisa analítica. Para identificar os preconceitos, este estudo baseou-se em entrevistas feitas com doze (12) estudantes de ensino médio e com (8) quebradeiras de coco babaçu. Os resultados foram colocados em quadros. Analisou-se os dados pelo método Análise de Conteúdo (AC) e por uma abordagem mista. Utilizou-se dos procedimentos bibliográfico e documental para construir o referencial teórico. Tinha-se, inicialmente, uma hipótese sobre um preconceito referente às quebradeiras de coco babaçu. Os dados das entrevistas confirmaram essa primeira hipótese, ao mesmo tempo que apontaram a existência de mais um preconceito relacionado a essas mulheres. Em resultado, os preconceitos identificados relacionam-se ao trabalho e à religião das quebradeiras de coco babaçu. Acerca disso, criou-se quatro hipóteses diferentes, sendo uma para o elemento cognitivo e outra para o componente afetivo de cada preconceito. Em conclusão, confirmou-se essas hipóteses.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito. Quebradeiras de coco babaçu. Psicologia social.

ABSTRACT

The theme of this research is about prejudices. The thematic cut circumvents the prejudices regarding coconut breakers. The general objective of this study is to understand the prejudices related to these women, seeking to understand their formation. To achieve this goal, this article used three specific objectives: 01) to investigate the formation of prejudice; 02) identify the prejudices related to these women; 03) analyze the identified prejudices. This study is characterized as non-experimental, whose objective is exploratory, but with traces of an analytical research. To identify prejudices, this study was based on interviews with twelve (12) high school students and (8) babassu coconut breakers. The results were placed in frames. The data were analyzed using the Content Analysis (CA) method and a mixed approach. Bibliographic and documentary procedures were used to build the theoretical framework. Initially, there was a hypothesis about a prejudice regarding babassu coconut breakers. The data from the interviews confirmed this first hypothesis, while pointing to the existence of another prejudice related to these women. As a result, the prejudices identified are related to the work and religion of the babassu coconut breakers. About this, four

¹ Estudante do 2º ano do ensino médio, Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Albertina Barreiros, Itupiranga, Pará, Brasil.



different hypotheses were created, one for the cognitive element and the other for the affective component of each prejudice. In conclusion, these hypotheses were confirmed.

KEYWORDS: *Prejudices. Babassu coconut breakers. Social Psychology.*

RESUMEN

El tema de esta investigación trata sobre los prejuicios. El montaje temático contornea los prejuicios sobre los rompe-cocos. El objetivo general de este estudio es comprender los prejuicios relacionados con estas mujeres, buscando comprender su formación. Para lograr este objetivo, este artículo utilizó tres objetivos específicos: 01) investigar la formación de prejuicios; 02) identificar los prejuicios relacionados con estas mujeres; 03) analizar los prejuicios identificados. Este estudio se caracteriza como no experimental, cuyo objetivo es exploratorio, pero con trazas de investigación analítica. Para identificar prejuicios, este estudio se basó en entrevistas con doce (12) estudiantes de secundaria y (8) rompe-cocos babassu. Los resultados se colocaron en marcos. Los datos se analizaron utilizando el método de Análisis de Contenidos (CA) y un enfoque mixto. Se utilizaron procedimientos bibliográficos y documentales para construir el marco teórico. Inicialmente, existía una hipótesis sobre un prejuicio respecto a los rompecocos babassú. Los datos de las entrevistas confirmaron esta primera hipótesis, apuntando a la existencia de otro prejuicio relacionado con estas mujeres. Como resultado, los prejuicios identificados están relacionados con el trabajo y la religión de los rompe-cocos babassú. Sobre esto, se crearon cuatro hipótesis diferentes, una para el elemento cognitivo y otra para el componente afectivo de cada prejuicio. En conclusión, estas hipótesis fueron confirmadas.

PALABRAS CLAVE: *Prejuicios. Rompe-cocos babassú. Psicología social.*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho justifica-se por dois motivos: a escassez de pesquisas sobre as quebradeiras de coco babaçu no âmbito da psicologia e a contribuição desta pesquisa à comunidade científica que se ocupa com os estudos a respeito dessas mulheres.

Acerca disso, a comunidade científica responsável pelos estudos sobre as quebradeiras de coco babaçu tem como objeto de estudo o trabalho dessas mulheres, que gira em torno do coco babaçu. Sendo assim, as pesquisas dessa área contornam todos os contextos em que o trabalho das quebradeiras de coco babaçu está inserido, com estudos a respeito da palmeira babaçu, do acesso aos babaçuais e da comercialização dos produtos gerados pelo coco babaçu.

Desse modo, poucos são os estudos sobre as quebradeiras de coco babaçu no campo da psicologia, haja vista que os estudos psicológicos para a comunidade científica em questão não oferecem contribuições significativas para a linha de pesquisa que se ocupa com o trabalho dessas mulheres.

Em contrapartida, este trabalho, por sua vez, ajudará a compreender o racismo ambiental descrito por Herculano (2008), que é um preconceito que se aplica contra as quebradeiras de coco babaçu pelo simples fato de serem uma comunidade tradicional, de modo que elas são privadas dos babaçuais – que é de onde sai o seu sustento –, seja pelo desmatamento da palmeira babaçu, seja por proibições explícitas feitas pelos fazendeiros.



Outrossim, quando se refere às quebradeiras de coco babaçu, geralmente, o aspecto que ganha notoriedade é o seu trabalho. Com isso, aspectos subjetivos passam despercebidos. No entanto, com a percepção dessa subjetividade, nota-se que há questões que permeiam a imagem das quebradeiras de coco babaçu, assim como suas relações sociais, como é o caso de preconceitos. Logo, buscar-se-á compreender esses preconceitos.

A pergunta norteadora desta pesquisa é: “Quais são os preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu?”. Com isso, vale elucidar que esta pergunta não se limita somente a identificar os preconceitos relacionados a essas mulheres, mas analisá-los, dando enfoque em sua formação.

Esta pesquisa possui como objetivo geral compreender os preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu. Para atingir essa meta, utilizar-se-á de três objetivos específicos: 01) investigar a formação do preconceito; 02) identificar os preconceitos relacionados a essas mulheres; 03) analisar os preconceitos identificados.

Este artigo está dividido em: Referencial Teórico, Metodologia, Resultados e Discussão, e Considerações Finais.

No Referencial Teórico, investigar-se-á a formação do preconceito. Essa investigação será baseada em estudos sobre a psicologia social, que permitirão analisar os componentes cognitivo e afetivo dos preconceitos. A seção em questão será dividida em duas subseções: uma denominada “Estereótipo”, que abordará somente o componente cognitivo, e a outra “Preconceito”, que mostrará a maneira como os elementos cognitivo e afetivo se relacionam para formar os preconceitos.

A seção de Metodologia abordará a forma como este trabalho foi elaborado, explicitando os procedimentos, o método, a finalidade de pesquisa, o instrumento e os critérios de coleta de dados, a abordagem, os aspectos éticos do estudo e a análise de dados.

Na seção de Resultados e Discussão será criada uma sequência que vai elencar as discussões dos resultados obtidos com o levantamento de dados sobre cada preconceito.

Em última exposição, este artigo terá quatro hipóteses sobre a formação dos dois preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu, sendo duas para os elementos cognitivo e afetivo de cada preconceito.

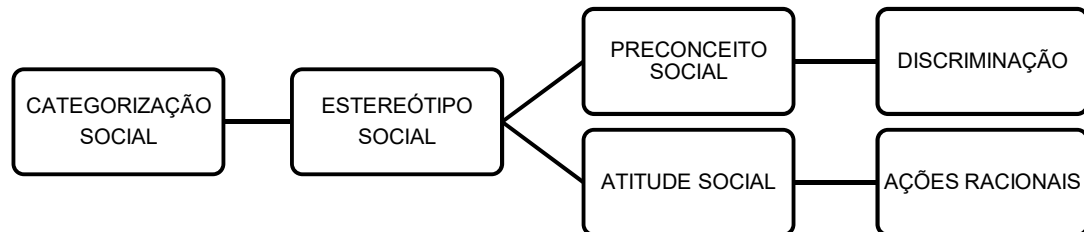
2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender a existência dos preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu, é necessário investigar como ocorre a formação dos preconceitos.

Para isso, é válido ressaltar que o entendimento sobre a formação do preconceito depende de outros entendimentos, como o do estereótipo, que é a base do preconceito (Kruger, 2004), e o da discriminação, que é a atitude do preconceituoso (Kruger, 2004).



Esquema 1. Processo geracional do preconceito



Fonte: Própria

O Esquema 1 permite analisar a relação do preconceito com os estereótipos e a discriminação. Nesse viés, nota-se que o relacionamento desses fatores é geracional, ou seja, um fator gera o outro. Logo, tudo começa pela categorização social, que gera o estereótipo, e ele, por sua vez, torna-se a base para o surgimento do preconceito e da atitude social, e estes últimos resultam em discriminação e ações racionais respectivamente.

Para realizar a análise da formação do preconceito, com base nos dados mostrados no Esquema 1, essa seção do artigo está dividida em duas partes: 01) estereótipo e 02) preconceito.

Sob esse ângulo, a primeira parte investigará a formação dos estereótipos, o que implica conhecer a origem da categorização social e como ela o gera. Logo, além de evidenciar a formação do estereótipo, essa parte servirá para mostrar como ele influencia o surgimento do preconceito.

Outrossim, a parte dos preconceitos tratará sobre como ele é formado, investigando a maneira como os estereótipos relacionam-se com os sentimentos, além de discorrer sobre o comportamento gerado pelo preconceito, que é a discriminação.

2.1. Estereótipo

A categorização social gera os estereótipos, que geram os preconceitos, e estes, por sua vez, levam à discriminação. Mas afinal, o que gera a categorização social?

É necessário ressaltar, em primeiro lugar, que a categorização é um processo natural da mente humana que é utilizado para tornar a análise de informações mais padronizada. Ela se aplica a todos os aspectos do mundo, inclusive à sociedade. Consequentemente, esse processo de categorização de informações sobre as pessoas é chamado de categorização social.

A categorização social é um mecanismo que a mente humana utiliza para facilitar o processamento de informações complexas obtidas das pessoas. Isso é, deixar de perceber as pessoas individualmente, passando a percebê-las em grupos (Pereira, 2010).

A existência desse mecanismo é justificada pelas limitações cognitivas, tendo em vista que, segundo Bargh e Chartrand (1999 *apud* Pereira, 2010), é impossível que o controle consciente



processe todas as informações momentâneas disponíveis, fazendo necessário, dessa forma, os automatismos mentais, haja vista que são eles que dão a possibilidade de lidar com as complexas informações.

É por esse motivo que a mente humana se dispõe a usar o pensamento categórico, que é um automatismo mental, para processar as informações sobre as pessoas. Essa categorização, por sua vez, é mediada por um sistema de processamento de informações (Pereira, 2010).

Conforme Pereira (2010), esse sistema de processamento de informações, também chamado de processamento flexível, parte de dois princípios: a necessidade de possuir uma base cognitiva lógica e estável, tornando o mundo em um lugar previsível, e, a partir disso, a necessidade de se adaptar àquilo que é instável, inesperado.

Essas duas necessidades, que Pereira (2010) chama de habilidades, são operadas por dois sistemas cognitivos da mente humana: o sistema neocortical e o sistema hipocampal.

O sistema neocortical (aprendizado lento), de acordo com Pereira (2010), “armazena as crenças gerais sobre o mundo, geradas pelas constantes repetições de estímulos (memória semântica)”. Esse sistema, em decorrência da necessidade de possuir uma representação estável do mundo, segundo o autor, é resistente às mudanças, e por isso ele é chamado de memória de longo prazo.

Já o sistema hipocampal (aprendizado rápido), conforme Pereira (2010), é “responsável por formar as representações temporárias de estímulos incomuns e surpreendentes (memória episódica)”. As informações desse sistema são passageiras, tendo em vista que a frequência de estímulos é pouca, o que forma a memória de curto prazo.

Com isso, a interação entre esses dois sistemas, segundo Pereira (2010), permite uma representação estável do mundo, permitindo tomar decisões de longo e médio prazo, ao mesmo tempo que possibilita a adaptação a cenários inesperados, em que a sobrevivência estaria em perigo.

Ademais, além do processamento flexível, a categorização social é mediada por outro princípio que é fruto da busca pela sobrevivência, o que Pereira (2010) vai chamar de “preguiça mental” ou “miséria cognitiva”. Estes, por sua vez, podem ser resumidos à economia de energia.

Nesse sentido, a mente humana objetiva, em primeiro lugar, buscar sobreviver. O fator essencial para a sobrevivência é a energia. Com isso, ela deduz que para garantir a sobrevivência, é crucial que ela economize o máximo de energia possível.

Tendo isso em vista, se o cérebro humano processasse todas as informações disponíveis sobre uma pessoa, sem nenhuma base cognitiva ou sistematização, ele gastaria bastante energia. Em decorrência da busca pela sobrevivência, a mente humana encontrou uma forma de perceber as pessoas de modo a minimizar o gasto de energia, seguindo um padrão, por meio do pensamento categórico.



Conforme Pereira (2010), ao invés de perceber as pessoas pelas suas características singulares, o pensamento categórico permite perceber os indivíduos por meio das características que são compartilhadas pelo grupo que eles participam.

Sendo assim, segundo Pereira (2010), é possível criar categorias sociais, tendo em vista que há uma gama de informações sobre determinado grupo que ficam armazenadas na memória de longo prazo. Logo, a categorização social permite, com o acesso a essas informações, saber o que esperar sobre determinado grupo, bem como o que não esperar, permitindo, assim, maior preparo para lidar com o inesperado.

De acordo com Moskowitz (2005 *apud* Pereira, 2010), o sentido de colocar indivíduos em categorias se encontra no fato de que há crenças e afetos ligados à categoria. Sendo assim, quando se percebe uma pessoa, afetos e crenças são ativados, e essa pessoa será colocada na categoria social em que eles estão associados.

Nesse prisma, essa associação de afetos e crenças com as categorias é chamada de estereótipo. Lippmann (1992 *apud* Lima; Vala, 2004) vai definir os estereótipos como imagens mentais das categorias sociais. Ou seja, eles são as características das categorias.

Pereira (2010) vai utilizar a categoria “idoso” para exemplificar os estereótipos. Segundo o autor, sabe-se quando uma pessoa é idosa devido, principalmente, aos seus aspectos físicos, como cabelos brancos, pele enrugada e pouco suporte físico. Por meio dessas características, é possível saber o que esperar e o que não esperar dessa categoria.

Com base nesse exemplo, constitui-se como estereótipo toda e qualquer característica ou aspecto que compõe uma categoria social. De uma maneira mais técnica, Stangor (2009 *apud* Pereira, 2010) vai definir essas características como estruturas de conhecimentos. Isso quer dizer que afetos, crenças, aspectos físicos e mentais podem se tornar características de uma categoria social, isso é, podem se tornar um estereótipo.

Nessa ótica, cada categoria possui as suas próprias características. Com isso, quando um indivíduo possui características que correspondem a de uma categoria social, ele é automaticamente colocado nela. Isso é o processo de ativação automática do estereótipo.

Moskowitz (2005 *apud* Pereira, 2010) explica que somente olhar para uma pessoa é suficiente para os estereótipos serem ativados, tendo em vista que basta perceber alguns aspectos, como cor da pele, vestimentas e comportamentos para colocar alguém em uma categoria.

Em virtude desses fatos, têm-se os estereótipos sociais baseados na experiência pessoal, que são aqueles em que as informações sobre uma pessoa provêm da observação e da convivência, e os estereótipos culturais, que são adquiridos pela cultura, de modo que o indivíduo não precisa ter experiência prévia para poder categorizar uma pessoa, já que uma série de informações são compartilhadas pelo grupo social.



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU
Alejandro Ribeiro Ferreira

Acerca disso, os estereótipos culturais, por se tratar de informações que são compartilhadas pelo grupo social, estão sujeitos à manipulação ou falsificação, de maneira que, às vezes, não condizem com a realidade (Pereira, 2010).

Ademais, vale elucidar que o pensamento categórico, assim como os estereótipos, está sujeito à percepção social. Nesse contexto, Kruger (2004, p. 26) vai discorrer sobre a função da percepção social:

Seria então exclusivamente por intermédio da percepção social que experiências históricas e socioculturais viriam a se tornar presentes à nossa consciência. Em outras palavras, a realidade, seja qual for, só agirá em nós e sobre nós, se vier a ser conhecida. Enquanto dela não dispusermos de alguma representação mental, ela em nada nos influenciará. Percebendo-a, porém, ela se tornará parte de nossa vida, no sentido psicológico.

Diante disso, só é possível categorizar as pessoas, ou ativar automaticamente os estereótipos, por meio da percepção social, já que é por intermédio dela que as informações sobre determinada pessoa irão chegar à consciência, o que permitirá colocá-la em uma categoria.

Sob essa ótica, a percepção social está intrinsecamente ligada aos sentidos humanos, principalmente à audição, visão, tato e olfato. Sendo assim, todas as informações que serão categorizadas passam por esses sentidos.

Em vista disso, vale elucidar que a percepção social não é o único fator mediador do processo de categorização social, haja vista que ela se articula “à memória, pensamento, motivação e tomada de decisão” (Kruger, 2004, p. 37).

Outrossim, segundo Kruger (2004), os estereótipos podem ser de duas naturezas: positiva ou negativa. Sendo assim, existem estereótipos negativos e estereótipos positivos.

Kruger (2004) vai dar outra perspectiva a esses estereótipos, chamando-os de desfavoráveis e favoráveis. A partir desse novo delineamento, é possível investigar o que leva à natureza negativa e positiva dos estereótipos.

Pode-se definir desfavorável como tudo aquilo que não favorece algo, que pode causar prejuízos (Desfavorável, 2003-2026). Nesse sentido, ao dizer que um estereótipo social é desfavorável, quer dizer que ele pode causar prejuízos às pessoas.

Com relação à natureza favorável dos estereótipos, conclui-se que ela é o antônimo de desfavorável, sendo tudo aquilo que é vantajoso, que favorece, que é bom e que auxilia (Favorável, 2003-2026).

Logo, pode-se concluir dessa breve investigação que os estereótipos, a princípio, não são originalmente positivos ou negativos, mas possuem tendências a uma dessas naturezas. Ou seja, o estereótipo desfavorável possui tendência a ser negativo, e o estereótipo favorável possui tendência a ser positivo.

Acerca disso, Kruger (2004) vai discorrer acerca dos produtos do estereótipo. Segundo o autor, quando estereótipos favoráveis são associados a sentimentos favoráveis, o resultado disso



são atitudes sociais, que resultam em ações racionais (natureza positiva). Agora, caso essa relação seja entre estereótipos e sentimentos desfavoráveis, o resultado será o preconceito, que culmina em discriminação, que é, nesse estudo, vista como uma ação irracional (natureza negativa).

Drew (2023) vai defender essa teoria definindo os estereótipos desfavoráveis como “crenças simplistas e imprecisas sobre grupos de pessoas”. Os estereótipos tornam-se simplistas e imprecisos, conforme o autor, por conta de dois motivos: o processo de categorização e a cognição social.

Segundo Pereira (2010), para a mente formar categorias sociais ela precisa simplificar as informações, e para isso ela precisa ignorar detalhes individuais e focar nas características que todos os membros de um grupo compartilham. Com isso, essas características, que são estereótipos, são generalizadas a todos os membros da categoria social.

A imprecisão dos fatos ocorre quando existe uma lacuna de informação sobre um indivíduo ou grupo e a mente tenta preenchê-la. Essa necessidade de complementar as lacunas de informações é explicada pela cognição social, que, segundo Schretzmeir (2022), é a busca por conhecer as pessoas que fazem parte do convívio social – saber o que pensam e o que querem. A cognição social é um mecanismo de sobrevivência da mente humana usado para conhecer o ambiente em que se vive, buscando identificar quem pode oferecer perigo ou não.

Com base nisso, quando existe lacunas de informações sobre um grupo, a mente humana, influenciada pela cognição social, busca preencher esse vazio. Quando ele não pode ser preenchido com informações obtidas do próprio grupo, devido à indisponibilidade, a mente utiliza-se das próprias estruturas de conhecimento – afetos e crenças ligadas ao grupo – para preencher essa lacuna. Desse modo, ocorre a imprecisão dos fatos.

Para Drew (2023), o problema em questão encontra-se na aplicação de estereótipos imprecisos pelo processo de simplificação das categorias sociais. Isso é, a generalização das características desses estereótipos a todos os membros da categoria. Isso gera preconceitos e, conseqüentemente, discriminações.

2.2. Preconceito

O preconceito, segundo Kruger (2004), é o produto da relação entre estereótipos e sentimentos desfavoráveis.

Os sentimentos são interpretações conscientes das emoções (Sentimentos [...], 2024). As emoções são estados psicológicos complexos, que envolvem respostas fisiológicas e comportamentais (Emoções [...], 2022). Um exemplo de emoção é o medo. Quando se observa o perigo, estímulos são enviados ao cérebro, que logo envia ao corpo neurotransmissores, a fim de fazer com que ele se movimente e fuja (Antonio, 2010). Dessa forma, as emoções, como mostra



Antonio (2010), são processos inconscientes, uma vez que elas fazem parte do biológico do ser humano.

Vale destacar que a interpretação dos sentimentos não se limita somente às emoções, haja vista que juntamente com elas são assimiladas as estruturas de conhecimento, isso é, os pensamentos, as crenças e as memórias que estão relacionadas às emoções (Sentimentos [...], 2024).

Nesse sentido, Kruger (2004) vai denominar os sentimentos como sentimentos de aceitação (positivo) e de rejeição (negativo). No entanto, para este trabalho, pode-se dar aos sentimentos a mesma perspectiva que foi dada aos estereótipos, sendo sentimentos favoráveis e desfavoráveis.

Mas afinal, como que os estereótipos e os sentimentos desfavoráveis se relacionam para formar o preconceito?

Quando as informações sobre um grupo chegam à consciência por meio da percepção social e são categorizadas, a mente começa a armazenar todas as crenças, pensamentos e sentimentos despertados e relacionados a essas informações, formando o que Santos (2023) chama de atitude social.

A atitude social, segundo Santos (2023), é a tendência da mente de avaliar todas as informações que passam pela percepção social, determinando o que é positivo ou negativo, chato ou legal, grosseiro ou gentil, e até mesmo ficando na incerteza. Sendo assim, a atitude social seria, então, o posicionamento pessoal frente a qualquer coisa.

Santos (2023) vai apontar as três características que compõe a atitude social: o componente cognitivo, afetivo e o comportamental.

Sendo assim, os estereótipos chegam à consciência pela percepção social, e são processados/avaliados pelos pensamentos, sentimentos e crenças que as pessoas possuem, influenciando, dessa maneira, o comportamento dos indivíduos frente a eles.

Kruger (2004, p. 37) vai chamar de atitude social somente a relação entre estereótipos favoráveis e sentimentos favoráveis, limitando o conceito somente às ações positivas, enquanto o preconceito seria o responsável por ações negativas.

No entanto, o conceito de atitude social abordado por Santos (2023) é mais completo, e explica o motivo pelo qual Kruger (2004) determina os produtos entre estereótipos e sentimentos como atitude social - conceito isolado positivo - e preconceito - conceito isolado negativo.

Para Santos (2023), a atitude social é um processo psicológico que ocorre sempre, com todas as informações. Logo, toda informação que passar pela percepção social será avaliada pela atitude social, seja positivamente, seja negativamente. Nesse viés, uma avaliação positiva influencia um comportamento bom, enquanto uma avaliação negativa leva a um comportamento ruim. Desse modo, a atitude social não é estritamente positiva, como afirma Kruger (2004).



Acerca disso, conclui-se que o preconceito é uma atitude social. No entanto, vale destacar que não é a avaliação negativa da atitude social que se torna um preconceito. Sendo assim, há um fator específico que faz com que uma atitude social se torne um preconceito. Esse fator diz respeito à natureza negativa dos estereótipos, que é constituída por informações imprecisas que levam a ações irracionais.

Com base nesses fatos, a atitude social defendida por Kruger (2004), como conceito isolado positivo, é aquela na qual os elementos cognitivos, isso é, os estereótipos, são baseados em informações verdadeiras, resultando, dessa forma, em ações racionais. Todavia, a atitude social na qual os estereótipos são baseados em informações imprecisas, é considerada um preconceito, uma vez que sua avaliação influenciará comportamentos irracionais.

Em virtude disso, conclui-se que é por meio da atitude social que os estereótipos desfavoráveis e os sentimentos desfavoráveis se relacionam para formar o preconceito. Ou seja, após as informações imprecisas chegarem à consciência, elas são avaliadas pelas estruturas de conhecimento e pelos sentimentos, formando concepções errôneas e, conseqüentemente, influenciando o comportamento irracionalmente.

Esse comportamento irracional, segundo Kruger (2004), é o efeito imediato do preconceito, chamado de discriminação. A discriminação, segundo Kruger (2004, p. 38), é:

[...] um tratamento injusto, quer dizer, uma forma de relacionamento, avaliação e atendimento comparativamente desigual e desfavorável, proporcionado a uma coletividade humana ou individualmente a pessoas que a integram, precisamente porque são alvo de preconceitos sociais.

Sendo assim, a discriminação, como comportamento provocado pelo preconceito, é, na perspectiva deste trabalho, sempre irracional. Isso pois as pessoas são tratadas de uma forma desigual com base em estereótipos imprecisos.

3. MÉTODOS

Em primeiro lugar, esta pesquisa possui um objetivo exploratório. Dado o exposto, este artigo objetiva explorar informações que ainda não estão registradas em fontes documentais e nem bibliográficas, que são os preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu. Além disso, este estudo tem aspectos de uma pesquisa analítica, já que uma das suas finalidades é analisar as causas e conseqüências dos preconceitos.

Nesse sentido, a fim de identificar e possibilitar a análise dos preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu, este artigo utilizou os seguintes procedimentos: o levantamento de dados, o bibliográfico e o documental.

Acerca disso, foi utilizado o levantamento de dados para identificar os estereótipos desfavoráveis dos preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu.



O instrumento de coleta de dados usado foi a entrevista semiestruturada, que, segundo Gerhardt *et al.* (2009, p. 72), consiste em um roteiro de questões que busca encontrar informações sobre um determinado assunto para poder estudá-lo, permitindo que o entrevistado responda livremente.

Vale destacar que a presença das quebradeiras de coco babaçu no levantamento de dados é de total relevância. Por esse motivo, a entrevista contou com a presença de 8 (oito) dessas mulheres.

Para a identificação de um dos preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu, além dos dados fornecidos por elas, é necessário que haja uma nova participação, de modo que essa evidencie o preconceito suspeito e a entrevista com as mulheres supracitadas possam comprová-lo.

O critério de inclusão aplicado a essa nova participação exige que os novos participantes sejam residentes de um dos estados correspondentes às Matas dos Cocais. Sendo assim, somente pessoas que vivem em uma realidade onde há a presença das quebradeiras de coco babaçu estão aptos a participarem do levantamento de dados.

Acerca disso, foram entrevistados, ao total, 12 (doze) alunos de ensino médio de uma escola do estado do Pará. As entrevistas ocorreram no turno vespertino da instituição de ensino. A fim de garantir que todas as séries fossem representadas, a entrevista contou com a presença de 4 (quatro) estudantes de cada ano escolar – 1º, 2º e 3º, totalizando doze discentes.

Sob esse viés, existem duas justificativas para a participação dos estudantes nesta entrevista: uma no processo de socialização e a outra na observação.

Nessa ótica, o processo de socialização é onde as crenças são assimiladas e construídas (Berger; Luckmann, 2014 *apud* Machado *et al.*, 2024). Nesse contexto, esse processo ocorre, em primeiro lugar, no berço familiar, e depois na sociedade com mais amplitude (Machado *et al.*, 2024). Dessa forma, pode-se dizer que o primeiro contato social, após o familiar, é com o ambiente escolar.

Com base nesses fatos, as crenças sociais primárias do indivíduo – sejam elas boas ou ruins, como o preconceito – são adquiridas no ambiente familiar, e influenciam as relações sociais posteriores da pessoa, como na escola. Com isso, torna-se possível identificar os preconceitos que são difundidos por grupos sociais a partir dos estudantes, visto que esses vão deixar transparecer as crenças que obtiveram com suas famílias.

Além disso, a observação das opiniões de alguns estudantes a respeito as quebradeiras de coco babaçu também justifica a presença deles neste levantamento de dados, pois percebeu-se a possibilidade de identificação de um preconceito referente a essas mulheres.

A amostra de pesquisa é pequena pois os preconceitos relacionados às quebradeiras de coco babaçu manifestaram-se coletivamente. Ou seja, o preconceito, que é uma avaliação pessoal, nesse caso, tornou-se comum, o que indicou a existência de um fator geracional que levou várias



peessoas a terem a mesma avaliação. Por esse motivo, poucos foram os entrevistados, haja que vista que o levantamento de dados buscou comprovar que há uma tendência quanto a esses preconceitos.

A análise dos dados baseou-se no método Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2016). Sendo assim, conforme os ensinamentos da autora, a exploração do material foi feita – entrevistas -, e os dados selecionados foram postos em quadros e quantificados por meio da porcentagem, a fim de tornar os resultados brutos significativos. Após isso, eles foram submetidos à interpretação. As interpretações desses dados foram realizadas mediante o referencial teórico, em um teste que Bardin (2016) chama de “teste de validação”.

Vale elucidar que esse modelo de análise mista (quantitativa e qualitativa) não se aplicou a todos os resultados, haja vista que um, dos três quadros presentes na seção de Resultados e Discussão, segue uma análise completamente qualitativa.

Antes de iniciar a entrevista com as quebradeiras de coco babaçu e com os estudantes, foi explicado o intuito da pesquisa e eles consentiram em participar.

Essa investigação é caracterizada como uma pesquisa de opinião pública, que, segundo Brasil (2022), consiste em consultar os participantes sobre um determinado tema, de modo a fazer com que eles expressem seu posicionamento pessoal frente ao exposto, mas garantindo que não sejam identificados. É em razão disso que este trabalho não passou pela avaliação do CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), tendo em vista que o Ofício n° 17/2022/CONEP/SECNS/MS declara que pesquisas públicas estão dispensadas de avaliação pela Comissão de Ética (Brasil, 2022).

Os procedimentos bibliográfico e documental foram utilizados para construir o referencial teórico e fundamentar as hipóteses. Para o referencial teórico, utilizou-se, principalmente, dos escritos de Pereira (2010) e Kruger (2004), que descreveram, sob a ótica da psicologia social, a formação dos preconceitos. Já as hipóteses serão baseadas, na maior parte das vezes, em fontes documentais.

Por fim, este trabalho possui uma finalidade básica estratégica. Ou seja, ele buscar trazer um novo conhecimento para a comunidade científica que se ocupa com os estudos referentes às quebradeiras de coco babaçu, e incentivar estudos posteriores relacionados aos preconceitos sofridos por essas mulheres.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, os resultados e as discussões serão elencados. Sendo assim, serão apresentados dois resultados, relacionados aos dois preconceitos. Cada resultado será acompanhado de sua discussão. A discussão é equivalente à criação de hipóteses sobre o elemento

cognitivo e afetivo que compõe os preconceitos, além de tratar sobre as discriminações que eles geram. Logo, o resultado e a discussão de cada preconceito seguirão a sequência a seguir:

- I. 1º resultado;
- II. Elemento cognitivo do preconceito relacionado à religião;
- III. Elemento afetivo do preconceito referente à religião;
- IV. Discriminação gerada pelo preconceito relativo à religião;
- V. 2º resultado;
- VI. Componente cognitivo do preconceito relacionado ao trabalho;
- VII. Componente afetivo do preconceito referente ao trabalho e
- VIII. Discriminação gerada pelo preconceito relativo ao trabalho.

4.1. Primeiro resultado

Com relação aos estudantes, fora observado, anteriormente ao processo de elaboração dessa pesquisa, um preconceito específico. Ele está relacionado com a religião das quebradeiras de coco babaçu. Portanto, as perguntas feitas aos alunos tiveram o objetivo de configurar esse preconceito, enquanto as feitas a essas mulheres objetivaram comprová-lo.

Ademais, as perguntas feitas aos alunos e às quebradeiras de coco babaçu tiveram a finalidade de descobrir qual o estereótipo desfavorável que, após associado a sentimentos negativos, forma o preconceito em estudo.

Aos estudantes foram feitas três perguntas: 1) “Que localidade vem à sua mente quando se trata das quebradeiras de coco babaçu?”; 2) “O que você pensa a respeito da religião delas?”; 3) “Você conhece ou já teve contato com a cultura de alguma quebradeira de coco babaçu?”.



Quadro 1. Entrevista com os estudantes

PERGUNTAS	RESPOSTAS	ALUNOS (%)
“Que localidade vem à sua mente quando se trata das quebradeiras de coco babaçu?”	Maranhão	83,3%
	Pará	16,6%
“O que você pensa a respeito da religião delas?”	Matriz africana	58,2%
	Cristã protestante	41,6%
“Você conhece ou já teve contato com a cultura das quebradeiras de coco babaçu?”.	Já teve	33,3%
	Nunca teve	66,6%

Fonte: Própria.

No Quadro 1, cada estudante é equivalente, aproximadamente, a 8,33%.

Ademais, as perguntas feitas às quebradeiras de coco babaçu, que não serão identificadas e simplesmente chamadas de entrevistada 1, entrevistada 2, entrevistada 3, entrevistada 4, entrevistada 5, entrevistada 6, entrevistada 7 e entrevistada 8, foram três: 1) “Qual o local que você aprendeu e desenvolveu as práticas de quebradeira de coco babaçu?”; 2) “Qual a sua religião?”; 3) “Quais são os principais preconceitos que você sofre ou já sofreu?”.

**Quadro 2.** Primeira parte da entrevista feita com as quebradeiras de coco babaçu

PERGUNTAS	RESPOSTAS	(%)
“Qual o local que você desenvolveu e aprendeu as práticas de quebradeira de coco babaçu?”	Tocantins	37,5%
	Maranhão	37,5%
	Pará	25%
“Qual é a sua religião?”	Sem religião específica	12,5%
	Católica	37,5%
	Cristã protestante	50%
“Quais são os principais preconceitos que você sofre ou sofreu?”	Nunca sofreu	50%
	Já sofreu	50%

Fonte: Própria.

No Quadro 2, cada quebradeira de coco babaçu que foi entrevistada equivale, percentualmente, a 12,5%.

4.2. Elemento cognitivo do preconceito relacionado à religião

Com base nesses dados, a suspeita dessa pesquisa sobre qual seria o estereótipo cultural que configuraria o preconceito relacionado à religião das quebradeiras de coco babaçu baseou a entrevista com os estudantes nas perguntas relacionadas ao local e à religião que eles achavam que melhor representaria essas mulheres.

Sendo assim, os 58,2% dos entrevistados que disseram que a religião que vem às suas mentes quando se trata das quebradeiras de coco babaçu é a de matriz africana, também disseram que o local era o Maranhão. Isso evidencia que a religião das quebradeiras de coco babaçu é constantemente associada às religiões de matriz africana.

Acerca disso, nota-se que essa atribuição religiosa dos estudantes à religião dessas mulheres, na verdade, é uma associação feita diretamente ao Maranhão, que é um local em que elas estão muito presentes (Embrapa, 2012).



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU
Alejandro Ribeiro Ferreira

Nesse sentido, essa associação pertence ao Maranhão, visto que as religiões de matriz africana fazem parte da identidade cultural do estado. Mas, por esse ser um local em que há uma presença significativa das quebradeiras de coco babaçu, essa relação acaba afetando-as.

Nessa ótica, a fim de comprovar que essa associação que é feita entre as religiões de matriz africana com a religião das quebradeiras de coco babaçu é feita, na verdade, com o Maranhão, perguntou-se a essas mulheres a respeito de sua religião, com o fito de saber se as religiões africanas fazem parte de sua cultura ou não.

Em resultado, nenhuma das entrevistadas que tiveram origem no Maranhão ou em outro lugar responderam sobre as religiões de matriz africana. Esse dado demonstra que as religiões afro não fazem parte da identidade cultural das quebradeiras de coco babaçu, o que leva a deduzir que essa associação é feita diretamente ao território maranhense.

Certamente, esse dado não ofusca o fato de haver quebradeiras de coco babaçu que pratiquem as religiões de matriz africana. Mas vale destacar que seu objetivo principal é comprovar que, frente ao número majoritário dessas mulheres sendo cristãs, a resposta de maior número dos estudantes deveria ser respectiva a essa religião. No entanto, como evidencia os dados, as religiões de matriz africana foram majoritárias, fato que levou a presente inferência.

Além disso, outra informação que prova que esta dedução está certa é o fato de o Maranhão ter a representatividade das religiões de matriz africana na cidade de Codó, conhecida nacionalmente como “terra da macumba” ou “capital do feitiço” (Ahlert, 2012), e em São Luís, onde predomina-se o Tambor de Mina, que é a denominação dada as religiões afro da capital (Cruz, 2022).

Em vista disso, é necessário investigar se os dados descobertos possuem origens na experiência pessoal ou se eles são culturais. Para isso, perguntou-se aos alunos se eles já tiveram contato ou não com a cultura das quebradeiras de coco babaçu.

Em resultado, 41,6% dos entrevistados que responderam que o local que representava as quebradeiras de coco babaçu era o Maranhão e que a religião era a de matriz africana, também responderam que nunca tiveram contato com essas mulheres.

Esse dado evidencia que há um fator cultural presente nas respostas dos entrevistados. Isso quer dizer que os estudantes não possuíam um repertório de experiência própria para poder responder sobre o que achavam a respeito da religião e do local referente às quebradeiras de coco babaçu, o que leva a deduzir que eles obtiveram essas informações culturalmente.

Logo, pode-se concluir que essa relação entre as religiões de matriz africana com a religião das quebradeiras de coco babaçu feita pelos estudantes é um estereótipo cultural desfavorável.



4.3. Elemento afetivo do preconceito referente à religião

Após esse estereótipo desfavorável passar pela percepção social, ele é submetido ao processo de avaliação da atitude social, onde os sentimentos desfavoráveis despertados são associados a ele, gerando um preconceito, e, dessa maneira, influenciando o comportamento das pessoas frente à religião das quebradeiras de coco babaçu.

Os sentimentos desse preconceito são despertados pelas religiões de matriz africana. Eles fazem parte de um preconceito histórico chamado de racismo religioso, que, por sua vez, é parte do racismo estrutural (Ozima, 2024; Pereira, 2025). O racismo estrutural, conforme o pensamento desses autores, é o preconceito referente à raça negra que se estruturou no corpo social devido o processo histórico que ocorreu no Brasil.

Segundo Silva, M.; Silva, A. e Lima (2015), quando Pedro Álvares Cabral chegou ao território hoje conhecido como Brasil, por volta de 1467 e 1520, já existia uma grande quantidade de indígenas. De acordo com os autores, esses povos foram os primeiros a serem escravizados, no entanto, a falta de adaptação aos serviços pesados e a fuga de muitos indígenas fizeram com que os senhores os substituíssem por negros africanos, que eram mais promissores nos trabalhos.

Os negros trazidos para o Brasil, conforme Silva, M.; Silva, A. e Lima (2015), eram tratados como animais, de modo que a forma como os senhores demonstravam o seu controle e intimidação, a fim de gerar obediência, era com castigos físicos.

Diante desse cenário, Silva, M.; Silva, A. e Lima (2015) vão denotar a resistência dos povos africanos frente à escravidão. Segundo os autores, mesmo com o panorama desumano, os escravizados criaram os quilombos, que eram lugares em que eles praticavam sua cultura, incluindo músicas, danças, arte, religião, folclore e culinária.

Outrossim, no Brasil, a abolição da escravidão ocorreu em 13 de maio de 1888, quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea (Silva, M.; Silva, A.; Lima, 2015).

Entretanto, por mais que o trabalho escravo tenha sido abolido, a forma desumana como os africanos foram trazidos e escravizados no Brasil pelos europeus fez com que crenças negativas acerca da população negra fossem criadas e firmadas no imaginário das pessoas.

Acerca disso, criou-se a categoria social dos negros, uma categoria originada e fundamentada na raça. As categorias raciais, consideradas "categorias primitivas", não existem biologicamente, como uma divisão natural, mas sim ideologicamente, como construções da sociedade (Vala; Lopes; Brito, 1999; Hopkins; Reicher; Levine, 1997 *apud* Lima; Vala, 2004).

Essa categoria do negro foi construída a partir das características do africano escravizado difundida pelos europeus, que descreve os negros como uma raça inferior (Silva; Soares, 2015 *apud*



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU
Alejandro Ribeiro Ferreira

Pereira, 2025). É a partir dessa descrição que, segundo Schwarcz (1987 *apud* Pereira, 2025), surge o racismo.

O racismo – preconceito racial -, segundo Guimarães (1999b *apud* Schucman, 2012), é uma doutrina que justifica a desigualdade entre raças.

Nesse viés, a doutrina utilizada pelos europeus para justificar a escravidão dos africanos, assim como sua inferiorização, está baseada na crença de que eles são superiores tanto biologicamente, quanto culturalmente a esses povos (Schucman, 2012).

Essa crença, por sua vez, ficou no imaginário das pessoas, de modo que toda manifestação africana é desqualificada, como os rituais religiosos, enquanto as manifestações europeias, como o cristianismo, são exaltadas.

A doutoranda Juliana Brant Carvalho, em uma entrevista ao Jornal da USP, explica que há uma tendência social eurocêntrica de associar tudo que é bom ou correto ao cristianismo, enquanto tudo que se distancia dessa religião é considerado mal ou tendenciosamente negativo (Ozima, 2024). Dessa forma, o cristianismo, na perspectiva de Juliana, torna-se uma norma para a sociedade – uma verdade única – disseminada pelos europeus, de modo que tudo que se distancia dessa doutrina é considerado fora da curva ou errado (Ozima, 2024).

A partir da perspectiva eurocêntrica cristã e do racismo, as religiões de matriz africana passam a ser vistas com um olhar negativo, de modo que suas entidades são associadas a demônios - figuras malignas presentes no cristianismo (Ozima, 2024). Dada a hegemonia da religião cristã, as pessoas são catequizadas para abominar os demônios, de maneira que sentimentos de horror, repulsa e desprezo são cultivados em razão desses seres malignos do discurso cristão.

Dessa maneira, as religiões de matriz africana tornam-se alvos dos mesmos sentimentos despertados pela figura maligna descrita pelo cristianismo, haja vista que elas são constantemente associadas a eles.

Sendo assim, os rituais religiosos das religiões de matriz africana são repugnados pela sociedade como sendo atos de adoração, oferenda e invocação ao demônio, da mesma forma como os adeptos a essas religiões são menosprezados com terminologias desqualificadoras como “macumbeiros” e “mandingueiros” (Pereira, 2025). Esse panorama, por sua vez, constitui-se racismo religioso.

O racismo religioso, por sua vez, é, segundo Ozima (2024), um preconceito que reprime as crenças religiosas dos africanos, que por existirem preconceitos referentes à sua raça, sua religião torna-se alvo de discriminação.

Dado o exposto, o fato de a religião das quebradeiras de coco babaçu ser associada às religiões africanas, faz com que essas mulheres sejam suscetíveis aos mesmos sentimentos de repulsa, horror e desprezo cultivados em razão das religiões afro.



4.4. Discriminação gerada pelo preconceito relativo à religião

Segundo Crochik (1996), o preconceito deforma a experiência pessoal, que seria capaz de desconstruí-lo, de modo que toda vivência com o seu objeto é racionalizada para manter o estereótipo negativo. Dessa forma, pessoas que não conhecem as quebradeiras de coco babaçu e formulam esse preconceito acabam gerando padrões discriminatórios para mantê-lo.

Esses padrões manifestam-se, principalmente, no cotidiano dos jovens, com piadas, zombarias e apelidos que ocorrem sempre ao se tratar das quebradeiras de coco babaçu, como chamá-las de “macumbeiras”, os quais são considerados brincadeiras, e, por esse motivo, não são levados a sério. Conseqüentemente, esse preconceito em forma de brincadeira, afirmado em longo prazo, acaba tornando-se parte da memória semântica, levando à deformação de qualquer experiência pessoal capaz de desconstruí-lo, perpetuando-o.

Os efeitos desse preconceito reverberado é a invisibilidade da identidade das quebradeiras de coco babaçu, que implica na sua marginalização, que é corroborada pela aversão das pessoas às religiões de matriz africana, as quais elas são associadas.

4.5. Segundo resultado

Além do preconceito relacionado à religião das quebradeiras de coco babaçu, foi observado também um outro preconceito que somente pôde ser identificado por meio da entrevista feita com essas mulheres, especificamente pela pergunta “Quais são os preconceitos que você sofre ou sofreu?”.

Em resultado, 50% das entrevistadas responderam que já haviam sofrido algum preconceito.

Quadro 3. Segunda parte da entrevista feita com as quebradeiras de coco babaçu

PERGUNTA	QUEBRADERA DE COCO BABAÇU	RESPOSTA
		“As pessoas diz que as quebradeiras de coco é coitadinha, sem dizer que é pobre. Isso é um preconceito porque a gente não é pobre, a gente quebra coco porque a gente ama e gosta de fazer o trabalho da quebradeira de coco. Então



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU
Alejandro Ribeiro Ferreira

<p>“Quais são os principais preconceitos que você sofre ou sofreu?”</p>	entrevistada 4	<p>isso também é um grande preconceito, chamar a gente de coitadinha. As pessoas não respeitam as quebradeiras de coco, não vê com outros olhos né, as pessoas não vê a gente como quebradeira de coco com outros olhos né, eles vê a gente assim como quem não significa nada, e as quebradeira de coco nós somos muito importante. Então isso é um grande preconceito, as pessoas não querem ver, vê mas não quer enxergar na vida da quebradeira de coco. É as pessoas não valorizar as quebradeiras de coco, isso é um grande preconceito, as pessoas não dão credibilidade às quebradeiras de coco, não quer reconhecer o trabalho das quebradeira de coco e isso é muito ruim para nois”</p>
	entrevistada 6	<p>“eu já ouvi as pessoas dizendo assim: ‘essas quebradeiras de coco babaçu só quebram coco porque são pobres”</p>
	entrevistada 7	<p>“A gente sempre ouviu ‘quem quebra coco babaçu vive sempre quebrado’; e as pessoas que tinham melhores condições de vida falavam ‘lá vem as quebradeiras que só vive fedendo a fumaça’, isso acontecia sempre que nois passava na rua perto deles, e tinha gente que me conhecia e ficava falando ‘lá vem dona bisa, lutou com coco hoje ou foi ontem”</p>
	entrevistada 2	<p>“Eu evitava ficar falando de onde eu vim porque as pessoas sempre dizia ‘Todo mundo que vem do maranhão é quebradeira de coco’, aí eu ficava com vergonha e não falava”</p>

Fonte: própria.



4.6. Componente cognitivo do preconceito relacionado ao trabalho

Com base no Quadro 3, nota-se que cada entrevistada que disse que havia sofrido algum preconceito cita, na verdade, uma situação de discriminação que vivenciou. Isso é importante, já que a atitude e o comportamento que o preconceito gera é a discriminação (Kruger, 2004, p. 38). Logo, é possível identificar um preconceito a partir das discriminações que elas descreveram.

Nesse sentido, a entrevistada 7, entrevistada 6 e entrevistada 4 discorrem sobre situações de discriminação que já viveram, e em todos esses relatos há uma que é comum: a desvalorização do trabalho das quebradeiras de coco babaçu. Essa discriminação é oriunda de um preconceito que agrega desvalor ao trabalho dessas mulheres. Logo, será esse o segundo preconceito desse estudo.

Com isso, é necessário explorar as características da categoria social das quebradeiras de coco babaçu, para, dessa forma, identificar qual é o estereótipo desfavorável que compõe o preconceito em estudo. Tendo em vista que o preconceito atribui pouco valor ao trabalho dessas mulheres, a área da vida social que recebe foco é o trabalho.

As quebradeiras de coco babaçu são trabalhadoras camponesas, que sobrevivem da quebra do coco babaçu que é colhido na floresta. Seu trabalho diário consiste em ir à floresta buscar os frutos da palmeira babaçu, que é levado para um local que possua sombra, como barracas de palha ou até mesmo debaixo da própria palmeira, a fim de serem quebrados para extrair as amêndoas. Após esse processo, as amêndoas são expostas a outros processos para gerar diversos produtos.

Todo o processo de quebra é manual, e elas utilizam porretes (pedaços de madeira em formato cilíndrico) e machados para quebrar a casca dura do coco babaçu, a fim de retirar as amêndoas. Além disso, elas utilizam o cofo (cesta de palha) para transportar os cocos de um lugar para outro.

Esse trabalho é predominante na Mata dos Cocais, uma região onde há maior concentração da palmeira babaçu. Essa região engloba o estado do Maranhão, Pará, norte do Tocantins e Piauí (Marques, 2011-2026).

Diante das dificuldades financeiras enfrentadas por muitas famílias das zonas rurais, a quebra do coco babaçu surgiu como uma alternativa de sobrevivência para mulheres, em sua maioria mães, que vivem nas proximidades da Mata dos Cocais. Logo, das amêndoas elas conseguem produzir o azeite, que além de cozinhar servi para a fabricação de sabão caseiro. Das cascas é produzido o carvão, e do mesocarpo uma farinha nutritiva. Essas produções das quebradeiras de coco babaçu, além de servirem para o consumo próprio, podem ser comercializadas.



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU
Alejandro Ribeiro Ferreira

Em virtude disso, surge a cultura das quebradeiras de coco babaçu, juntamente com a identidade de comunidade tradicional, que costuma chamar a palmeira babaçu de “mãe palmeira”, pois em todos os momentos ela está gerando coco e permitindo a sobrevivência dessas mulheres e de suas famílias.

Acerca disso, Brasil ([2022?]) vai definir as comunidades tradicionais como:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais. Possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. Empregam conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos de geração em geração.

Nessa ótica, as quebradeiras de coco babaçu são autodeclaradas uma comunidade tradicional extrativista, que sobrevive dos recursos fornecidos pela palmeira babaçu, ao mesmo tempo que protegem os babaçuais, sendo consideradas “as guardiãs do babaçu”.

Com base nesses dados, o preconceito em estudo que agrega desvalor ao trabalho das quebradeiras de coco babaçu está relacionado ao preconceito com as comunidades tradicionais, que por vezes inferioriza o trabalho dessas mulheres. Logo, elas tornam-se alvos desse preconceito pelo simples fato de serem uma comunidade tradicional.

Nesse prisma, tal preconceito é fruto das concepções eurocêntricas de superioridade e inferioridade cultural. Em virtude disso, Porto (1994, p. 118) vai descrever essas concepções:

A vertente culturalista parte de uma concepção ocidental, eurocêntrica, de cultura, que pretende enquadrar o diferente e o diverso, isto é, impor padrões éticos e estéticos tidos como universalmente válidos, principalmente aos países “atrasados”, portadores de uma cultura “primitiva”. Alimenta uma visão antiterritorial e antiecológica de cultura, regendo-se pela mesma dicotomia que marca a antropologia tradicional, a qual coloca de um lado “culturas primitivas”, “selvagens”, “bárbaras”, portanto, inferiores e, de outro, a “cultura civilizada”, que dita normas e parâmetros do aceitável (leia-se “superior”).

Sendo assim, conforme a autora, a crença na cultura civilizada, assim como na cultura primitiva, se popularizou pelo mundo. Com efeito, nas sociedades consideradas “selvagens” surgiu a necessidade de uma civilização. Essa civilização, por sua vez, basear-se-ia no modelo de “cultura civilizada”.

Nessa perspectiva, o pensamento eurocêntrico considera como uma “cultura civilizada”, ou superior, aquela que já passou pelo processo de industrialização urbana. Segundo Pasquini (2020), a primeira revolução industrial teve início por volta do século XVIII, na Inglaterra, e chegou primeiramente nos países hoje conhecidos como de primeiro mundo, como parte dos países do Continente Europeu e da América do Norte. Esses, por sua vez, são, de acordo com a crença popularizada, sociedades com culturas civilizadas.



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU
Alejandro Ribeiro Ferreira

As concepções eurocêntricas de cultura civilizada e selvagem são crenças coletivamente compartilhadas, haja vista que elas se popularizaram por meio da globalização desencadeada pela terceira revolução industrial (Pasquini, 2020). Segundo Kruger (2004), as crenças que são compartilhadas em torno de alguma característica individual ou grupal tornam-se estereótipos. Dessa forma, a inferioridade e a superioridade cultural passam a ser estereótipos, ou seja, características que são atribuídas a uma categoria social.

Os estereótipos, segundo Kruger (2004), são atribuídos de forma generalizada a um grupo humano sob aplicação de critérios, que podem ser baseados na raça, profissão, sexo ou até mesmo inteligência. Com relação aos estereótipos de inferioridade e superioridade cultural, os critérios para as suas aplicações são a industrialização. Desse modo, uma sociedade será considerada civilizada (superior) se ela for industrializada, caso não seja, será tida como “selvagem”, ou inferior.

Com base nisso, o Brasil aderiu aos estereótipos popularizados, autorrotulando-se um país de “cultura primitiva” à medida que ele busca se parecer com a “cultura civilizada” europeia, em uma tendência que Campos (2012) denominou como “europeização da sociedade urbana brasileira”. Essa tendência teve seu auge, segundo o mesmo autor, durante o processo acentuado de urbanização da sociedade brasileira que ocorreu entre os séculos XIX e XX. Por mais que essa tendência tenha tido o seu ápice nesse período, é notável sua influência hodiernamente.

Desse modo, esse processo de aproximar o Brasil dos padrões “civilizados” da Europa levou à geração de preconceitos, principalmente com relação às diversas culturas dentro do território brasileiro consideradas “atrasadas”, ou seja, sem a influência da industrialização (Porto, 1994). Essas culturas consideradas atrasadas, por vezes, pertencem à zona rural (Porto, 1994), como é o caso das populações que trabalham artesanalmente: agricultores, extrativistas, quebradeiras de coco babaçu e demais comunidades tradicionais.

Logo, considerar a cultura das quebradeiras de coco babaçu uma “cultura primitiva”, e dessa forma inferior, devido às tecnologias arcaicas e pouco industriais utilizadas em seu trabalho, forma o estereótipo desfavorável do preconceito em estudo.

4.7. Componente afetivo do preconceito referente ao trabalho

As pressões éticas e estéticas impostas pelos europeus, que possuem uma suposta “cultura civilizada”, aos países subdesenvolvidos, de “cultura selvagem” (Porto, 1994), influenciou o Brasil a pensar de uma forma radical, de modo que o país correspondesse mais rapidamente às constantes pressões e exigências para possuir uma “cultura civilizada”.

Essa radicalidade, conseqüentemente, levou à formação de fortes sentimentos, de modo que toda cultura que se apresenta “civilizada”, isso é, sob a influência da industrialização, é valorizada, enquanto toda cultura que se apresenta como “selvagem” é desvalorizada.



Por conseguinte, surge o preconceito com as comunidades tradicionais, que por não acompanharem a tendência eurocêntrica de industrialização econômica, acabam tornando-se alvos de sentimentos de desprezo, possuindo sua cultura menosprezada.

Nesse prisma, menosprezar significa atribuir pouco valor ou pouca importância a algo ou a alguém (Menosprezar, 2003-2026). Acerca disso, a cultura das quebradeiras de coco babaçu é menosprezada, haja vista que elas são constantemente chamadas de pobres, como relata a entrevistada 4 e a entrevistada 6.

O conceito de pobre possui duas interpretações: uma é econômica, em que o pobre é aquele com renda insuficiente e que depende da caridade pública para sobreviver; e a outra refere-se à qualidade, em que pobre é aquele/aquilo que possui pouco valor ou pouca qualidade (Pobre, 2003-2026).

No que diz respeito às quebradeiras de coco babaçu, elas são chamadas de pobres devido, primordialmente, à segunda interpretação, haja vista que seu trabalho é menosprezado e, portanto, desvalorizado.

Acerca disso, a falta de industrialização no trabalho das quebradeiras de coco babaçu faz com que as pessoas, preconceituosamente, olhem para o trabalho dessas mulheres como se nenhuma de suas produções tivesse valor.

Com isso, a segunda interpretação do conceito de pobre leva à primeira. Ou seja, ao atribuir pouco valor ao trabalho das quebradeiras de coco babaçu, as pessoas pensam que suas produções são comercialmente insignificantes, o que nesse raciocínio quer dizer que essas mulheres não conseguem sobreviver da comercialização dos seus produtos, levando ao pensamento de que elas passam necessidades e que sua renda é insuficiente para sua sobrevivência.

Com base nisso, o fato de as quebradeiras de coco babaçu serem consideradas pobres, faz com que as pessoas tenham piedade delas, chamando-as de “coitadinha”, como diz a Entrevistada 4. Isso ocorre pois o pobre é tido coitado, o que inspira o sentimento de piedade (Pobre, 2003-2026).

4.8. Discriminação gerada pelo preconceito relativo ao trabalho

Cortina (2020) cunhou o conceito de “aporofobia”, que é o “desprezo e a rejeição em cada caso àqueles em piores situações”, ou seja, os pobres. A autora vai contextualizar que essa aversão ocorre devido a busca pela sobrevivência, em que a mente humana escolhe sempre a escolha mais vantajosa. Por esse motivo, o fato de os pobres não oferecerem nenhuma vantagem, seja econômica ou social, faz com que as pessoas não tomem posição em favor deles (Cortina, 2020).

Em vista disso, denominar as quebradeiras de coco babaçu como pobres é prejudicial a elas, como ressalta a entrevistada 4, no quadro 3. Essa denominação leva à desvalorização do



trabalho dessas mulheres, uma vez que ele é visto como não rentável e, por isso, é rejeitado e desprezado.

Além dessa situação de menosprezo descrita pelas entrevistadas 4 e 6, Herculano (2008) traz uma nova conjuntura em que as quebradeiras de coco babaçu são menosprezadas.

Sob esse prisma, as comunidades tradicionais, por serem consideradas culturalmente “atrasadas”, ou inferiores, são desumanizadas pela vertente capitalista (Herculano, 2008). Sendo assim, o fato delas dependerem dos recursos naturais para sobreviver (Brasil, [2022?]) faz com que sejam vítimas do racismo ambiental, haja vista que a mentalidade capitalista, por desumanizá-las, não se importa em degradar o ecossistema em que elas vivem ou que utilizam para sobreviver.

No caso das quebradeiras de coco babaçu, o racismo ambiental é praticado pelos fazendeiros. Sabe-se que elas dependem do coco babaçu para sobreviver. No entanto, grande parte dos babaçuais ficam localizados dentro de terras dos fazendeiros. Os fazendeiros possuem consciência de que as quebradeiras de coco babaçu precisam dos babaçuais, mas a vertente capitalista, que implica em derrubar a palmeira babaçu que prejudica o pasto, se sobrepõe à necessidade dessas mulheres, uma vez que suas humanidades são desqualificadas.

5. CONSIDERAÇÕES

Em primeiro lugar, conclui-se que o objetivo geral dessa pesquisa foi cumprido, já que foi possível levantar hipóteses que permitiram a compreensão dos preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu.

Mas vale destacar que o objetivo geral deste artigo somente pôde ser alcançado devido ao sucesso dos objetivos específicos.

Com isso, observou-se que o referencial teórico cumpriu o seu papel, uma vez que ele forneceu uma base lógica para entender a forma como ocorre a formação dos preconceitos, mostrando a categorização social, a formação dos estereótipos e a maneira como a relação entre os estereótipos e os sentimentos geram os preconceitos, que resultam em discriminações.

Paralelamente, o segundo objetivo específico foi atingido, haja vista que os dados obtidos nas entrevistas foram suficientes para a identificação dos dois preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu: o preconceito relacionado ao trabalho, que considera o trabalho das quebradeiras de coco babaçu inferior, e o preconceito referente à religião, que relaciona a religião dessas mulheres com as religiões de matriz africana.

A partir do sucesso desses dois objetivos, foi possível cumprir a terceira meta deste artigo, que era analisar os preconceitos identificados. Essa análise consistiu em associar as informações do referencial teórico aos fatos descobertos, além do levantamento paralelo das hipóteses, a fim de



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU
Alejandro Ribeiro Ferreira

construir os preconceitos. A construção dos preconceitos começou pelos estereótipos (elemento cognitivo) e, após isso, partiu para os sentimentos (elemento afetivo).

Dado os fatos, a pergunta norteadora desta pesquisa foi respondida, haja vista que os preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu foram identificados e analisados.

Este artigo teve, inicialmente, uma hipótese sobre a existência de um preconceito referente às quebradeiras de coco babaçu, que era o preconceito relacionado à religião dessas mulheres. Nesse sentido, os resultados da entrevista confirmaram essa hipótese e indicaram, por sua vez, a existência de mais um preconceito, que era o relacionado ao trabalho das quebradeiras de coco babaçu.

Acerca disso, foram criadas quatro hipóteses acerca dos componentes cognitivo e afetivo dos dois preconceitos identificados, sendo que duas diziam respeito aos elementos do preconceito relacionado à religião das quebradeiras de coco babaçu, e duas eram relacionadas ao preconceito referente ao trabalho delas.

A hipótese do estereótipo desfavorável que compõe o preconceito relacionado à religião das quebradeiras de coco babaçu foi confirmada à medida que foi evidenciado que a ligação entre as religiões de matriz africana com a religião das quebradeiras de coco babaçu é errônea e imprecisa.

Já a hipótese relacionada aos sentimentos que compõe o mesmo preconceito foi confirmada pelas contribuições teóricas da doutoranda Juliana Brant Carvalho, que mostraram como o racismo religioso, que é consequência do racismo estrutural, influencia o despertar de sentimentos negativos relacionados às religiões de matriz africana, e, conseqüentemente, acabam prejudicando as quebradeiras de coco babaçu.

No que concerne à hipótese do estereótipo desfavorável que compõe o preconceito que considera o trabalho das quebradeiras de coco babaçu inferior, ela foi confirmada a partir dos registros de Porto (1994), Campos (2012), Pasquini (2020) e dos dados fornecidos pelas quebradeiras de coco babaçu, que enfatizaram as crenças eurocêntricas na “cultura civilizada” e “cultura selvagem”, as quais se constituíram estereótipos e, por sua vez, acabaram afetando as quebradeiras de coco babaçu, que tiveram sua cultura rotulada como “primitiva” – inferior.

Já a hipótese dos sentimentos que compõe esse mesmo preconceito foi confirmada à medida que as crenças na “cultura civilizada e primitiva”, assim como o processo de “europeização da sociedade urbana brasileira” abordado por Campos (2012), despertaram sentimentos desfavoráveis acerca das culturas consideradas “selvagens”, como é o caso das quebradeiras de coco babaçu.



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU
Alejandro Ribeiro Ferreira

Ademais, vale destacar que a Figura 1 e os Quadros 1,2 e 3 foram importantes para o referencial teórico, os resultados e a discussão deste trabalho, haja vista que esses elementos permitiram uma visão geral dos dados, o que possibilitou uma análise estratégica e objetiva.

Outrossim, as principais dificuldades deste artigo foram fazer a reunião bibliográfica e documental do referencial teórico para explicar a formação dos preconceitos, assimilar o referencial teórico com os dados obtidos nas entrevistas com os estudantes e com as quebradeiras de coco babaçu, e criar as hipóteses sobre os estereótipos e sentimentos desfavoráveis dos preconceitos.

Dado os fatos, descobriu-se que os preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu são originados de outros preconceitos que possuem raízes históricas no período colonial e no processo de hegemonia do pensamento eurocêntrico. Além disso, foi descoberto que o racismo ambiental, que é um dos maiores problemas enfrentados por essas mulheres, é uma consequência do preconceito contra as comunidades tradicionais.

Conclui-se dessa última descoberta que não basta criar apenas leis para garantir às quebradeiras de coco babaçu o acesso aos babaçuais, é necessária uma conscientização dos fazendeiros. Isso, pois, as proibições feitas pelos fazendeiros a essas mulheres não existem pela falta de leis, mas pela existência de preconceitos. Dessa forma, são necessárias mudanças na mentalidade capitalista compartilhada pelos donos das terras que desumanizam as quebradeiras de coco babaçu.

Por fim, vê-se como possibilidade promissora para novas pesquisas no campo da psicologia, que pode contribuir para os estudos sobre o trabalho das quebradeiras de coco babaçu, a busca por alternativas que consigam desfazer a mentalidade preconceituosa dos fazendeiros com relação às quebradeiras de coco babaçu.

REFERÊNCIAS

AHLERT, M. Cidade relicário: disputas sobre tempo em Codó/MA. **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, [s. l.], 01 dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.260>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/260>. Acesso em: 01 jan. 2026.

ANTONIO, A. P. do N. **A boca fala daquilo que o córtex está cheio**. Orientador: Daniel Souza. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico em Laboratório de Bodiagnóstico em Saúde) - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro, 10 dez. 2010. Disponível em: <https://epsjv.phlnet.com.br/beb/textocompleto/mfn21276.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2026.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2026.



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU
Alejandro Ribeiro Ferreira

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Ofício Circular nº 17/2022/CONEP/SECNS/MS**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 05 jul. 2022. Disponível em: <https://www.propq.ufscar.br/ptbr/assets/arquivos/etica/cep/resolucoes-e-normativas/oficio-conep-orientacoes-acerca-do-artigo-1-o-da-resolucao-cns-n-o-510-de-7-de-abril-de-2016.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2026.

BRASIL. **Povos e Comunidades Tradicionais**. [Brasília]: Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, [2022?]. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em: 18 jan. 2026

CAMPOS, J. T. de. Uma pesquisa pioneira para a compreensão da cultura caipira. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 26, n. 76, p. 335-350, 01 dez. 2012. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/pt_BR/article/view/47561/51290. Acesso em: 28 fev. 2026.

CORTINA, Adela. **Aporofobia**: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia. Tradução: Daniel Febre. São Paulo: Contracorrente, 2020. *E-book*.

CROCHIK, J. L. Preconceito, indivíduo e sociedade. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 47-70, dez. 1996. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v4n3/v4n3a04.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2026.

CRUZ, C. C. F. Brincando com a encantoria: um olhar sobre política e cotidiano no terecô de Codó (MA). **Rev. Pós Ciênc. Soc.**, São Luís, v. 19, n. 2, p. 421-426, maio/ago, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18764/2236-9473v19n2.2022.19>. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/19441/11110>. Acesso em: 04 jan. 2026.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Desfavorável**. Porto: Porto Editora, c2003-2026. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/desfavor%C3%A1vel>. Acesso em: 30 jan. 2026.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Favorável**. Porto: Porto Editora, c2003-2026. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/favor%C3%A1vel>. Acesso em: 30 jan. 2026.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Menosprezar**. Porto: Porto Editora, c2003-2026. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/menosprezar>. Acesso em: 01 mar. 2026.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Pobre**. Porto: Porto Editora, c2003-2026. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pobre>. Acesso em: 28 fev. 2026.

DREW, C. **15 exemplos de estereótipos negativos**. [S. l.]: HelpfulProfessor, 05 set. 2023. Disponível em: [https://helpfulprofessor.com/negativestereotypeexamples/#:~:text=Chris%20Drew%20\(PhD\),O%20Dr.&text=Estere%C3%B3tipos%20negativos%20s%C3%A3o%20cren%C3%A7as%20simplificadas,O%20que%20%C3%A9%20isso](https://helpfulprofessor.com/negativestereotypeexamples/#:~:text=Chris%20Drew%20(PhD),O%20Dr.&text=Estere%C3%B3tipos%20negativos%20s%C3%A3o%20cren%C3%A7as%20simplificadas,O%20que%20%C3%A9%20isso). Acesso em: 10 jan. 2026.



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU
Alejandro Ribeiro Ferreira

EMBRAPA (Brasil). **Embrapa e quebradeiras de coco, parceria de sucesso**. São Luís: Embrapa, 2012. Disponível em: <https://www.embrapa.br/buscadenoticias//noticia/18156445/embrapa-e-quebradeiras-de-coco-parceria-de-sucesso>. Acesso em: 12 dez. 2025.

GERHARDT, T. E. *et al.* Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 65-87. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cursopqdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2025.

HERCULANO, S. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **InterfacEHS: Revista de Gestão integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 1-20, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/art-2-2008-6.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2026.

INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DO PARANÁ. **Emoções: o que são, quais as emoções básicas?** [Curitiba]: Instituto de Psiquiatria do Paraná, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://institutodepsiquiatriapr.com.br/blog/emocoes-o-que-sao-quais-as-emocoes-basicas/>. Acesso em: 11 fev. 2026.

KRUGER, H. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In: LIMA, M.; PEREIRA, M. (org.). **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004. 23-40. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32112/1/Estere%C3%B3tipos%20e%20preconceitos%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20RI.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

LIMA, M. E. O; VALA, J. Serão os estereótipos e o preconceito inevitáveis? o monstro da automaticidade. In: LIMA, M.; PEREIRA, M. (org.). **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004. 41-68. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32112/1/Estere%C3%B3tipos%20e%20preconceitos%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20RI.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

MACHADO, F. R. *et al.* **Ciência, crença e (i-)realidade: psicologia social da crença e pensamento crítico**. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1483/1351/5253>. Acesso em: 29 nov. 2025.

MARQUES, V. **Mata dos cocais**. [s. l.]: Toda Matéria, c2011-2026. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/mata-dos-cocais/>. Acesso em: 08 mar. 2026.

OZIMA, L. Religiões de matriz africana são os principais alvos de intolerância e racismo no Brasil. **Jornal da USP**, Ribeirão Preto, 21 nov. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/religioes-de-matriz-africana-sao-os-principais-alvos-de-intolerancia-e-racismo-no-brasil/>. Acesso em: 17 fev. 2026.

PASQUINI, N. C. As revoluções industriais: uma abordagem conceitual. **Revista Tecnológica da Fatec Americana**, Americana/SP, v. 8, n. 2, p. 29-44, ago. 2020. DOI: 10.47283/244670492020080129. Disponível em: <https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/6719/1/235-Texto%20do%20artigo-854-1-10-20200808%20%281%29.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2026.



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS REFERENTES ÀS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU
Alejandro Ribeiro Ferreira

PEREIRA, J. P. Intolerância contra religiões de matriz africana e a prática do sacrifício. **Revista Eletrônica da OAB-RJ**, [s. l.], 2025. Disponível em: <https://revistaeletronicaoabri.emnuvens.com.br/revista/article/view/621/612>. Acesso em: 17 fev. 2026.

PEREIRA, R. P. **A relação entre estereótipos e automatismos por meio de estudos em priming**. Orientador: Marcos Emanuel Pereira. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/raoni_paiva.pdf. Acesso em: 23 nov. 2025.

PORTO, M. do R. S. Imaginário, cultura e escola rural. **Em Aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, p. 118-122, 1994. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2257/1996>. Acesso em: 28 fev. 2026.

SANTOS, J. V. Os componentes da atitude. In: FERRARI, O. A. **PsyMeet**. [Curitiba], 04 mai. 2023. Disponível em: <https://www.psymeetsocial.com/blog/artigos/componentes-da-atitude>. Acesso em: 12 fev. 2026.

SCHRETZMEIR, J. *et al.* Como o cérebro nos ajuda a entender as outras pessoas? **Unesp Para Jovens**, 24 ago. 2022. Disponível em: <https://parajovens.unesp.br/como-o-cerebro-nos-ajuda-a-entenderasoutraspessoas/#:~:text=Todas%20essas%20pessoas%20s%C3%A3o%20parte,uma%20habilidade%20humana%20muito%20importante>. Acesso em: 11 jan. 2026.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Orientador: Leny Sato. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde21052012154521/publico/schucman_corrigida.pdf. Acesso em: 24 fev. 2026.

SENTIMENTOS e emoções: quais as diferenças? In: PONTUAL Psiquiatria. [Porto Alegre], 28 nov. 2024. Disponível em: <https://www.pontualpsiquiatria.com.br/post/sentimentoseemo%C3%A7oes>. Acesso em: 09 fev. 2026.

SILVA, M. P.; SILVA, A. P. P. M.; LIMA, C. S. C. Evolução das formas de trabalho. In: SOUZA, M. M. M. de. (coord.); FERNANDES, J. C. L. (editor chefe). Anais do Seminário Internacional da Integração Étnico-Racial e as Metas do Milênio. **Revista BRASIL PARA TODOS - Revista Internacional ENIAC sobre Questões Étnico-Raciais**, Guarulhos, v. 2, n. 1. p. 116-125, 12 ago. 2015. Disponível em: https://ojs.eniac.com.br/index.php/Anais_Sem_Int_Etn_Racial/issue/view/23/43. Acesso em: 22 fev. 2026.